



EDITORIAL

É com enorme satisfação que apresentamos o terceiro número da Revista Ítaca do ano de 2023. Esta edição conta com oito artigos de diversas temáticas, abrangendo desde o campo do pensamento decolonial, em suas críticas à autoridade e às colonialidades, perpassando os estudos sobre a metafísica de Schopenhauer até os diálogos com a tradição fenomenológica de Edmund Husserl a Paul Ricoeur.

Iniciamos com o artigo “Colonialidade do Poder, Colonialidade do Saber e Oligopólios de Comunicação de Massa”, de Isadora Gonçalves França. Nele, a autora disserta sobre os atravessamentos do sistema-mundo moderno-colonial no jornalismo corporativo, dentro da vastidão dos oligopólios de comunicação. Por meio de referenciais decoloniais, compreende-se o impacto das colonialidades do poder e do saber neste campo de produção e apagamento de narrativas.

Em seguida, Maria Eduarda Marinho Freire Andrade e Débora Mariano, em “Gênero, Educação e a ampliação da Cidadania em De Gouges, Wollstonecraft e Floresta”, realizam uma crítica aos papéis de gênero por meio do pensamento das filósofas citadas em seu título, propondo a educação igualitária em contraposição à binaridade e à normatividade de gênero. Assim, questiona-se o conceito de cidadania, dentro de uma sociedade generificada, enfatizando a importância das referidas filósofas para o território de disputa do campo educacional.

Em “Existências Periféricas e Marginalizadas: Capitalismo Neoliberal e Mercado de Trabalho”, Artur Junior Santos Cardoso e Sergio Dias Guimarães Junior propõe uma análise da relação entre o capitalismo neoliberal e as juventudes periféricas brasileiras, refletindo sobre o impacto do mesmo no acesso das juventudes ao mercado de trabalho. Tópicos como a exploração capitalista, a mercantilização do trabalho e a constante marginalização à qual as juventudes periféricas são submetidas, por meio dos dispositivos neoliberais, são abordados



com profundidade. Da mesma forma, observam-se movimentos de resistência por parte das juventudes, como evidenciam os autores.

O seguinte artigo chama-se “A Dialética Erística como Produto da Metafísica da Vontade”, de Luiz Guilherme Bakker. Nele, o autor realiza um estudo bibliográfico da obra de Arthur Schopenhauer, dialogando com o conceito de Metafísica da Vontade e com o pensamento iluminista. Neste artigo, o autor apresenta a versão schopenhaueriana da dialética, em oposição à tradição aristotélica, naquilo que consiste em uma Dialética Erística.

Subsequentemente, em “Do Corpo sem Órgãos ao princípio do Nirvana: reflexões esquizoanalíticas sobre a finitude e o desejo”, Bruno Latini Pfeil, Cello Latini Pfeil e Thiago Colmenero Cunha fazem um estudo comparado entre os conceitos esquizoanalíticos e psicanalíticos, no que diz respeito à morte e ao desejo. Embora ambos tenham como traços em comum uma ideia de direcionamento à morte, o Corpo sem Órgãos se apresenta como um rompimento com a produção social, e o princípio do nirvana como o retorno a um estado anterior ao nascimento. Como fuga ou como ruptura, os referidos conceitos de intercalam e se distanciam, e as ideias de morte, desejo, revolta e retorno são colocadas à prova.

Ainda, Martha Bernardo, em “A crítica ao pensamento antropológico no Seminário *A besta e o soberano*” de Jacques Derrida, analisa profundamente o referido seminário a fim de abordar o que a autora chama de problema do humanismo. Colocando em perspectiva a soberania, o humanitarismo e a animalidade, Bernardo questiona o papel dos direitos humanos e da universalização da categoria de ser humano.

No artigo “Paul Ricoeur e a Linguagem – Uma Introdução”, o autor Mário Correia nos apresenta a concepção de Paul Ricoeur a respeito de uma filosofia da linguagem, de matriz fenomenológica, a partir das noções de símbolo, signo e mítico, fornecendo uma concepção ampla da linguagem, de herança fenomenológica, por meio de uma concepção vivencial da linguagem – que atenua as bordas entre o discurso e a ação. Assim, Correia evidencia a presença de uma filosofia da linguagem em Ricoeur que se mostra uma filosofia hermenêutica, ainda que fenomenológica, permanecendo no escopo de uma filosofia reflexiva.

Por fim, concluímos esta edição com o artigo “Subjetividade e Constituição”, ainda no quesito da tradição fenomenologia, no qual a autora Tássia



Vianna de Carvalho nos fornece uma exposição da gênese da constituição da subjetividade a partir dos escritos tardios da fenomenologia husserliana, em seu período propriamente genético, em vistas de mostrar que os níveis primordiais da consciência não necessitam de fazer recurso a algo como um “Eu”. Com isto, a autora visa nos mostrar que nem todos os nossos momentos de consciência contariam, de fato, com a presença de um “Eu”, de modo que este estaria restrito aos níveis mais elevados de consciência.

Visto isto, apesar da vasta gama de temas abordados neste editorial, compreendemos que existe um fio de continuidade que atravessa a todas estas obras, que consiste no percurso que, em um primeiro momento, se mostra predominantemente crítico às estruturas coloniais de poder que regem a nossa sociedade – nos extratos superiores da cultura e sociabilidade. Além disso, estas estruturas podem, também, ser reconduzidos às estruturas da subjetividade, em seus níveis inferiores a partir de uma imposição de certa forma de subjetividade e subjetivação, e incidem diretamente sobre a esfera do corpo, que se mostra como um instrumento de disputa. Deste modo, uma investigação a respeito da esfera da consciência – que só existe em relação com o corpo vivido – se mostra como um campo de liberdade, no qual esta subjetividade pode se reinventar e se constituir, na mesma medida que constitui o mundo ao seu redor.

Esperamos que este dossiê possa inspirar nossos leitores a buscar novas formas de diálogo, como exercício da linguagem e da subjetividade, em espaços em que estas parecem não se fazer presentes a um primeiro olhar. Mas que espaços de aparente disputa e conflito possam servir como inspiração para buscar um fio condutor que possa ser trazido à existência ou, ainda, que se revele como já estando lá, ainda que não visto. Portanto, esperamos que nossos leitores possam encontrar a unidade, ainda que ao modo do dissenso.

Desejamos uma boa leitura!

Tássia Vianna de Carvalho

Bruno Latini Pfeil